

MULHERES NA GESTÃO ESCOLAR: QUESTÕES DE GÊNERO, TEMPO PEDAGÓGICO E QUALIDADE DE VIDA¹

Jovandra Luiza Soldi²

Edson Carpes Camargo³

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar como o tempo empregado na gestão de uma escola interfere na qualidade de vida de mulheres gestoras, bem como esta administra seu tempo em relação a vida profissional e a vida doméstica. O estudo está pautado nos estudos de gênero e na leitura de teóricas e teóricos que apresentam situações de desigualdade de gênero, vivenciadas tanto no campo profissional como na vida social, tais como Pinto (1994) e Oliveira (2003). A metodologia para este estudo orientou-se de forma qualitativa, de cunho exploratório e do tipo estudo de caso a partir da coleta de dados de três gestoras de escolas de Ensino Fundamental, localizadas no município de Tupandi – RS, a partir de narrativas de suas histórias de vida, conforme Josso (2008). As narrativas autobiográficas são apresentadas de modo individual e também de forma contrastiva, tomando como referencial a análise de conteúdo, proposta por Bardin (2011). O processo de narrar a si e a sua história permite ao sujeito refletir sobre si e sobre suas práticas, num processo de auto/transformação. Este processo contribui para o entendimento e a reflexão enquanto gestoras do seu próprio tempo e de sua vida. O tempo disponível para a qualidade de vida de homens e mulheres difere nesta nossa sociedade regida pelo capital e se reflete também no ambiente escolar.

Palavras-chave: Gestora escolar, tempo, relações de gênero, sociedade.

WOMEN IN SCHOOL MANAGEMENT: MATTERS OF GENDER, PEDAGOGICAL TIME AND QUALITY OF LIFE

ABSTRACT

This research aims to investigate how the time spent in the management of a school interferes with the quality of life of women managers, as well as how they manage their time in relation to professional and domestic life. The study is based on gender studies and the reading of theoreticians and theorists who present situations of gender inequality, experienced both in the professional field and in social life, such as Pinto (1994) and Oliveira (2003). The methodology for this study was oriented in a qualitative, exploratory and case study type, based on the data collection of three managers of elementary schools, located in the municipality of Tupandi - RS, from narratives of their life stories, according to Josso (2008). The autobiographical narratives are presented individually and also in a contrasting way, taking as a reference the content analysis proposed by Bardin (2011). The process of narrating himself and his story allows the subject to reflect on himself and his practices, in a process of self / transformation. This process contributes to understanding and reflection as managers of their own time and life. The time available for the quality of life of men and women differs in our society governed by capital and is also present in the school environment.

KEYWORD School manager, time, gender relations, society.

¹ Artigo apresentado como parte dos requisitos para aprovação na Especialização em Gestão Escolar do IFRS – *Campus Feliz*.

² Graduada em Pedagogia do Trabalho pela Unisinos – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em São Leopoldo/RS. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional na UNIP. Professora de Ensino Fundamental na Escola João Alvarenga Peixoto, em Tupandi/RS. Pós graduanda do Curso de Gestão Escolar do IFRS - *Campus Feliz*. E-mail: kochhann.jovandra@gmail.com

³ Professor Orientador. Doutor em Educação. Docente do IFRS - *Campus Feliz*.

INTRODUÇÃO

Historicamente, os séculos XVIII e XIX, marcam o homem como o sujeito que tinha o papel de prover o alimento da família, enquanto a mulher, era responsável pelos afazeres domésticos e cuidar da família. (GUEDES *apud* SOUZA, 2016).

Com a Revolução Francesa, houve várias mudanças, principalmente no que tange à luta pela sua cidadania e seus direitos enquanto mulheres, passando de mães-educadoras, responsáveis pela educação de seus filhos, a sujeitos que reivindicavam direitos de igualdade com os homens, incluindo seus questionamentos sobre as relações sexuais (PALMA, 2011 *apud* SÁ, 2011). Com a revolução Industrial, no século XIX, a mulher conquista seu espaço no chão de fábricas, fazendo o homem se sentir ameaçado nesse mercado de trabalho que, até então, era ocupado por ele. (D'ALONSO, 2008).

Conforme Oliveira e Pereira (1997), a mulher deixa de ser apenas esposa e mãe, para ser operária, enfermeira, professora, tarefas que até então nem se cogitavam ser realizadas pelo sexo feminino.

Contudo, esse mercado de trabalho (D'ALONSO, 2018), estruturou-se para a mulher, sendo uma extensão do trabalho doméstico que muitas vezes informal, em alguns casos passa a ser dividido com os homens, uma vez que a mulher ocupa outros cargos em empresas e organizações. Mas será que a mulher realmente conquistou seu espaço e tempo na sociedade? Até onde a jornada de trabalho, somada ao doméstico foi uma conquista de tempo realmente significativo para a melhor qualidade de vida das mulheres?

Nossa sociedade perpassa por um tempo de ambiguidades, em que a falta de tempo é algo mencionado diariamente pelos sujeitos em suas diversas trajetórias. É neste cenário que se situa este estudo, com o objetivo de investigar como o tempo empregado na gestão de uma escola interfere na qualidade de vida das mulheres gestoras, bem como esta administra seu tempo em relação a vida profissional e doméstica. Para tanto, esta pesquisa nos remete a compreender um pouco mais sobre o conceito de tempo e suas concepções nas múltiplas leituras de vivência. O tempo como peça fundamental para a nossa existência, o tempo do agora, o tempo de conseguir dar conta das tarefas do dia a dia. Desde os primórdios, os homens determinavam a contagem do tempo através da observação dos fenômenos naturais, tendo como referência as fases da lua, a posição dos astros e as marés. (SOUZA, 2008).

A reflexão apresentada neste estudo traz as concepções de tempo cronológico e pedagógico articulados com as transformações que as sociedades promoveram na sua

organização e nas relações tanto políticas e sociais como econômicas que marcam uma sociedade e as relações de gênero que se apresentam neste contexto.

Nesse percurso, um olhar atento nos remete à desigualdade de gênero (HIRATA, 2015), em que o espaço da mulher no campo profissional ainda é restrito e direcionado para algumas áreas específicas, como tradicionalmente conhecemos: a mulher cuidadora.

Ao centrar nosso olhar para a concepção de tempo no meio profissional, percebemos a existência das desigualdades de gênero, estando relacionadas com a qualidade desse tempo.

Quanto do tempo é empregado pelas gestoras de escolas de Ensino Fundamental para que o ambiente escolar mantenha-se funcionando durante o horário escolar e após o fechamento dos portões das escolas e o quanto de tempo, considerando a sociedade patriarcal, muitas mulheres dependem para cuidar de seus filhos e da casa depois que chegam do trabalho? Reside aí o problema de pesquisa deste estudo buscando ancorar os debates sobre relações de gênero e trabalho, tendo como foco a gestão de escolas de Ensino Fundamental.

Essa inquietação decorre de minha própria experiência, enquanto, professora, mulher, mãe e acadêmica de uma especialização em gestão escolar, uma vez que o tempo parece algo quase inexistente nesta corrida diária de atender a todas as solicitações. Penso que nós, mulheres, conquistamos nosso espaço, mas isso pode parecer muito mais uma ilusão. Muitas vezes, aumentamos nossa carga de trabalho e diminuimos nosso tempo de lazer, de voltar o olhar para nós mesmas, para um cuidado conosco. Assumimos mais afazeres sem perceber que estamos adoecendo neste ritmo que tentam nos impor.

O estudo segue na esteira de algumas indagações sobre as situações de desigualdade de gênero vivenciado tanto no mercado profissional como na vida social e, por isso, torna-se relevante inquirir como se apresenta esse tempo reservado para a melhor qualidade de vida da mulher gestora.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta parte do estudo, será apresentado o referencial teórico que serviu de aporte para a pesquisa. Num primeiro momento é apresentado o conceito de gênero a partir dos referenciais de Scott (1995) e Hirata (2009). Posteriormente, segue o debate sobre tempo cronológico e tempo pedagógico, tomando os escritos de Rodrigues (2009) e Ávila (2004), culminando com a apresentação da mulher na gestão de escolas a partir dos escritos de Bezerra (2014) e Souza (2007).

1.1. Uma reflexão sobre o conceito de gênero

Com as transformações no contexto político, social e econômico e a força feminista no século XX (D'ALONSO, 2008), a mulher conquistou mais espaço dentro da vida social e profissional, porém a divisão de tarefas entre os gêneros (SCOTT, 1995), ainda apresenta dicotomias, uma vez que a mulher ainda continua com a função de educar, cuidar dos filhos e da família e o homem ainda é tratado como provedor financeiro (OLIVEIRA, 2003).

Autoras como Scott (1995) e Hirata (2009) trazem em suas discussões sobre as relações de gênero, concepções que buscam mudar essa teoria clássica, focando pesquisas e práticas nas mais diversas situações do feminino, tentando explicar como se estabelece uma sociedade patriarcal, na qual se entende que a mulher é submissa ao homem.

Neste cenário, o termo “gênero” não exclui a desigualdade política das mulheres, mas torna-se uma forma de legitimar seus direitos enquanto sujeitos históricos. A concepção do termo “gênero” pode ser utilizada tanto no mundo das mulheres como dos homens, e não como forma de indicar construções culturais, ou proliferação sobre sexo ou sexualidade.

Scott (1995 p.75) ao falar de gênero em seu artigo, traz a seguinte constatação:

Nessas circunstâncias, o uso do termo ‘gênero’ visa sugerir a erudição e a seriedade de um trabalho, pois ‘gênero’ tem uma conotação mais objetiva e neutra do que ‘mulheres’. ‘Gênero’ parece se ajustar à terminologia científica das ciências sociais, dissociando-se, assim, da política (supostamente ruidosa) do feminismo.

Kelly (1984) afirma que tanto o sistema econômico, quando o de gênero, constitui e produz experiências sociais e históricas, visto que nenhum sistema é casual. Os sistemas "operam simultaneamente para reproduzir as estruturas socioeconômicas e as estruturas de dominação masculina de uma ordem social particular" (KELLY, 1984, p.58). A autora aborda claramente que as relações entre os sexos se dão a partir das estruturas socioeconômicas e as estruturas de sexo-gênero.

Hirata (2009), em sua escrita, também traz a questão da sociedade e a valorização atribuída à diferença biológica, dividindo e classificando funções para os dois sexos, diferenciando e classificando os gêneros (2009) por vestimentas, comportamentos, atitudes físicas, psicológicas e sociais (TABET, 1979, p. 98). Percebo que, mesmo com tantas teorias sobre “gênero” e “sexo”, suas concepções carecem de definições.

Sendo assim, abordaremos aqui concepções de gênero na linha de pensamento da autora Nanci Stancki Luz, quando se refere a gênero como uma palavra que classifica pessoas dentro de uma sociedade, de acordo com o sexo que possuem feminino e/ou masculino. Porém a construção social do gênero é muito mais complexa do que esta classificação.

No campo das Ciências Sociais a complexidade é ainda maior porque depende das diferentes correntes teóricas que interpretam o gênero (mulher/homem) de formas diversas, ora considerando-o diretamente relacionado ao sexo, ou seja, sexo feminino = gênero feminino e sexo masculino = gênero masculino, ora desvinculando o gênero do sexo, sem que haja uma relação direta entre estes dois fenômenos. (LUZ, 2009 p. 21).

Segundo Luz (2009) gênero enquanto construção social do feminino e masculino, foi assumido como elemento das relações sociais, presentes em todas as instituições, incluindo a escola, sendo este, o ambiente que contribui para a produção e reprodução de padrões e identidades de gênero. Esta autora ressalta que o/a educador/a é considerado/a o/a profissional de extrema relevância para a construção da igualdade de gênero, objetivando o enfrentamento das inúmeras formas de violência e a promoção da equidade de gênero.

Assim, a escola pode contribuir com o desenvolvimento humano, desnaturalizando o determinismo biológico presente nos padrões dicotômicos de gênero que aprisionam homens e mulheres. Esta precisa propor o desenvolvimento humano pleno, respeitando as diferenças, construindo a cidadania e contribuindo para a concretização dos direitos fundamentais do ser humano.

É importante ressaltar que a escola, enquanto instituição que promove a educação do sujeito, precisa desconstruir padrões estereotipados de gênero, refletindo sobre as suas práticas, enfrentando qualquer forma de discriminação.

Conceituar gênero, inclui compreender diferentes concepções, observando bases teóricas que servem de sustentação destas teorias. Até os anos 1960 (LUZ, 2009), os cientistas da sociedade não utilizavam este termo e nem havia a preocupação com a construção social de mulheres e homens. Consideravelmente o termo gênero surgiu no mundo acadêmico a partir de pesquisadoras feministas que buscavam desnaturalizar a condição da mulher na sociedade (SIMIÃO, 2005), desconstruindo a ideia de que determinadas características são de essência feminina ou masculina.

Nessa linha de pensamento, fica entendido como natural e da sua essência que a mulher seja mãe, natural e da sua essência, que seja delicada, sensível, obediente, amorosa, afetiva, etc, como se tais características estivessem na carga genética, na biologia [...] assim as desigualdades entre homens e mulheres foram interpretadas

como naturais. Era interpretado como algo que não poderia ser modificado. Estava na carga genética dos homens, e na sua essência, serem seres superiores e, por outro lado, estava na carga genética das mulheres, portanto na sua essência, serem inferiores. (LUZ, 2009, p. 22).

Segundo a autora, as características femininas e masculinas, desconsidera que as mulheres e os homens as adquirem e aprendem na vida social, a partir de expectativas criadas pelos pais e pelo meio social antes até de seu nascimento, expectativas traduzidas nas cores, brinquedos e enxovais, na decoração do quarto, transmitindo ao ser ainda no ventre, o que é ser mulher e o que é ser homem.

Portanto, faz-se necessário o entendimento do conceito gênero em seu contexto, não podendo limitar a conceituação de gênero apenas nas diferenças sexuais, ou seja, não existe características femininas ou masculinas imutáveis, assim como não há habilidades ou dificuldades próprias de homens ou mulheres, pois a construção social do feminino e masculino não está marcado pela natureza, mas sim no contexto em que está inserido (LUZ, 2009).

1.2 Tempo, tempo, tempo...

Quando mencionamos a palavra tempo, nos deparamos com o tempo cronológico e o tempo pedagógico, que complementam a proporção da nossa existência. Estes tempos são a extração do movimento e da mudança (KARNAL, 2018), são nossa condição do real. Nós, enquanto sujeitos deste tempo, buscamos firmar nossos objetivos de vida, sem nos dar conta se estamos usando este tempo com sabedoria.

O tempo segue padrões culturais. Assim, elabora quatro tipos fundamentais de tempo social: o tempo psicobiológico, que é um tempo individual e se refere às necessidades psíquicas e biológicas; o tempo sócio econômico, empregado para suprir necessidades econômicas; o tempo sociocultural, voltado para a sociabilidade dos indivíduos; e o tempo livre, que se caracteriza por ações realizadas com maior liberdade e autonomia.

(D'ELIA, 2014, p. 13)

A organização do trabalho do/a professor/a sob o ponto de vista das prescrições é definida por outras pessoas e obedece a uma hierarquia, sendo enumerado por leis e diretrizes em âmbito nacional, estadual e municipal (RODRIGUES, 2009 p. 34).

Então, podemos dizer que a organização deste tempo estabelece a distribuição dos conteúdos, visando controlar a duração das atividades, promovendo a aprendizagem, atingindo os objetivos de ensino e aprendizagem, a partir da implementação de projetos, atividades permanentes, sequências de atividades e atividades independentes (LERNER, 1996, p.10-11).

Essa constante corrida do tempo em qualquer dimensão, nos frustra como realizadores da nossa prática, onde muitas vezes, desencadeia outros problemas que refletem na nossa saúde física e mental.

Adotamos e manifestamos uma vivência cronológica do tempo de forma intuitiva, tendo o tempo como algo que flui lenta ou aceleradamente. Na maioria das vezes, costumamos desenvolver nossas atividades não pela necessidade, mas porque 'está na hora'. (RODRIGUES, 2009, p.15).

Ávila (2004), evidencia a questão do tempo, como aquele tempo que gera lucro, que gera produção/reprodução. Deixando muito a desejar o tempo destinado ao lazer, ao descanso. E esta concepção de tempo, é histórica nas relações sociais entre trabalho e capital. Nesta concepção do tempo, a autora nos indaga onde está este tempo necessário para cuidar da coletividade humana?

Esse tempo, que não é percebido como parte da organização social do tempo, é retirado da vida das mulheres como parte das atribuições femininas, determinadas pela relação de poder de gênero (ÁVILA, 2004, p. 3).

Ou seja, estas mulheres que estão no mercado de trabalho produzem um tempo daquele que sobra da sua jornada de trabalho diário, constituindo uma dupla jornada de trabalho que não é configurada como um trabalho de valorização social.

Em outro ponto, o conjunto das atividades desenvolvidas em sala de aula pelo/a professor/a para promover a aprendizagem do/a aluno/a, pode ser classificado como o tempo pedagógico, o tempo prescrito na escola, com divisões que complementam e auxiliam o professor na organização, na realização e no controle do tempo na sua prática educativa (RODRIGUES, 2009).

Apesar do seu aspecto macro, as divisões do tempo indicadas por Penin e as modalidades de organização das atividades sugeridas por Lerner, nos ajudam a refletir sobre a organização do tempo pedagógico no trabalho docente, extremamente complexa, que passa, necessariamente, pela caracterização desse trabalho frente às prescrições de toda a estrutura da educação escolar. (RODRIGUES, 2009, p. 40).

A organização deste tempo pedagógico requer do/a professor/a, ou do/a gestor/a, o desenvolvimento de planejamento, coordenação, controle, envolvendo espaço físico, recursos didáticos com o objetivo de promover a aprendizagem.

Em outro tempo, o cronológico, está representada socialmente a divisão sexual do trabalho, a tarefa doméstica, tanto na esfera produtiva ou reprodutiva desses afazeres, que cabe às mulheres, enquanto que o homem continua na esfera pública da produção.

Neste cenário, a mulher que assume o mercado de trabalho, começa a desenvolver ofícios da vida profissional, lutando pelo seu tempo e espaço na sociedade, sendo muitas vezes gestora que busca conciliar e organizar seu tempo cronológico e seu tempo pedagógico.

1.3 Mulheres e a gestão de escolas

Com toda as revoluções ocorridas durante estes séculos, percebemos que a humanidade, mudou muito. Neste século XXI, embalados pelo neocapitalismo, trabalhamos sempre mais para adquirir mais e mais, perdemos o controle do tempo, a tecnologia aumentou nosso tempo de trabalho, deixando de lado o nosso lazer, a nossa qualidade de vida.

Mas como esse tempo influenciou na vida da mulher, desde a revolução das mulheres? Esse tempo cronológico ou tempo pedagógico influenciou na qualidade de vida da mulher?

A mulher como sujeito desta falta de tempo, busca ao longo da história, se tornar alguém visto socialmente como participante do mercado de trabalho, nesta conjuntura, a mulher vem se destacando, assumindo cargos de gestora, principalmente em entidades escolares, constituindo o tempo pedagógico, porém não excluindo as desigualdades na questão gênero, tanto no acesso como na gestão.

Essa mulher que luta pela transformação social, abre novos espaços de conflito, participando politicamente, rompendo com dicotomias e hierarquia que geram desigualdades.

Alguns autores explicam que esse fato se deve historicamente à conquista das mulheres pela amplificação de seu grau de escolarização; enquanto classe de trabalhadoras, foi uma conquista pelo campo de trabalho; à associação da função docente, principalmente, nos anos iniciais da escolarização como extensão da vida privada, ao papel de cuidadora; à desvalorização da profissão docente e aos baixos salários que levam os homens a privilegiarem outras profissões, sendo a função ocupada, principalmente, por minorias sociais. (BERNARDES, 2019, p.9).

Alguma coisa mudou, mas na vida real, as mulheres continuam servindo seus maridos, cuidando dos filhos, e assumindo um foco do mercado de trabalho, a escola. Segundo Eggert (2017, p. 217)

O que mudou foi a possibilidade de a nova arma estética estar mais a favor dela (s), simbolicamente falando. Aumenta, porém, a caricatura que se faz nas diferenças entre os sexos: ou seja, aos homens a força e a razão, e às mulheres, a fraqueza do espírito e das ideias e a beleza do corpo.

Numa visão ampla, esta mesma mulher que atua em diferentes papéis sociais na família, ainda se encontra excluída dos papéis públicos, políticos, administrativos ou corporativos, onde a demanda profissional se restringe a papéis específicos como a educação.

Segundo Bezerra (2014), a gestora escolar revela o processo de reinvenção da cultura profissional, e que muitas vezes, escapa do olhar menos atento e tomam formas diversas, sendo construídos e reconstruídos nas interações sociais, no cotidiano vivido na comunidade escolar.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ao estruturarmos o percurso metodológico, definimos este estudo como uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, caracterizando-a como um estudo de caso a partir das contribuições de Yin (2001), o qual menciona que este método de pesquisa, “representa uma investigação empírica e compreende um método abrangente, com a lógica do planejamento, da coleta e da análise de dados. Pode incluir tanto estudo de caso único quanto de múltiplos, assim como abordagens quantitativas e qualitativas de pesquisa. (YIN, 2001, p.382).”

Tomaremos como *locus* do estudo, o município de Tupandi, localizado no Estado do Rio Grande do Sul. Este município possui três escolas municipais de ensino fundamental, concentrando aproximadamente novecentos e nove (909) matrículas de estudantes desde a educação infantil até o 9º ano do Ensino Fundamental. As três escolas municipais já referidas estão sob a gestão de mulheres, as quais serão o público participante deste estudo.

A pesquisa foi realizada a partir das narrativas autobiográficas de história de vida, relatadas pelas gestoras participantes do estudo. A pesquisa a partir das narrativas, “permite ao pesquisador abordar o mundo empírico até então estruturado pelo entrevistado, de um modo abrangente” (FLICK, 2009, p. 164), servindo como suporte teórico neste estudo para a

compreensão de como essas mulheres dispõem o seu tempo para as atividades profissionais e as atividades pessoais.

As narrativas autobiográficas possibilitam ao/a entrevistado/a e ao/a entrevistador/a inúmeras possibilidades de rever, repensar, dialogar sobre sua vida profissional, emocional, financeira, além de aprimorar suas práticas e concepções.

Segundo Creswell (2010, p.43) “a pesquisa narrativa é adequada para descrever histórias detalhadas ou experiências de vida de um único indivíduo, ou as vidas de um ou de poucos indivíduos”.

Por meio desses registros, as gestoras tiveram a oportunidade de construir e reconstruir suas próprias histórias, refletindo e aproximando-se de suas percepções sobre a sua formação e o seu tempo destinado à gestão da escola.

A pesquisa narrativa é defendida pela autora Josso (2007) e utilizada por trabalho de conclusão de curso, (BOTTCHEER, 2019) e artigos científicos (PIAZZETTA, 2015), que abordam a pesquisa com as narrativas bibliográficas. Neste sentido, a coleta de dados ocorreu de forma espontânea, com narrativas de práticas, de experiências profissionais e de vida das gestoras pesquisadas. Conforme menciona Josso (2007, p.414),

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social.

Na concepção de Josso (2007), torna-se relevante e de suma importância a história de vida do sujeito dentro de uma cultura de transformações, que emergem o seu eu enquanto protagonista do seu tempo. Durante os meses de maio e junho de 2020, as gestoras participantes foram convidadas a participar do estudo por meio de contato via aplicativo WhatsApp. Após recebermos a confirmação de que aceitariam participar do estudo, enviamos um e-mail com as orientações para a produção da narrativa autobiográfica, tendo como disparador a seguinte mensagem:

Prezada Diretora,

Esta pesquisa tem como objetivo principal *“Analisar como o tempo destinado às atividades pedagógicas por gestoras de escolas públicas de ensino fundamental interferem na qualidade de vida”*.

Diante disso, convidamos você para realizar uma narrativa autobiográfica que apresente através da escrita individual suas reflexões e experiências vividas ao longo de sua trajetória enquanto gestora, considerando na escrita a sua formação, tempo em que está na gestão e como você divide o seu tempo entre vida profissional e vida pessoal.

Utilize o máximo de duas páginas para a sua escrita e não esqueça de colocar um título.

Desde já, agradecemos a sua contribuição para a nossa pesquisa.

As três participantes do estudo encaminharam suas narrativas para o e-mail da pesquisadora conforme as orientações anteriores e assinaram de forma digital o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A).

Posteriormente, as narrativas foram tratadas à luz da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011) sendo apresentadas individualmente, primeiramente, com escrita espontânea, apontando as reflexões desencadeadas pelas entrevistadas e, logo após, analisadas de forma contrastiva. Para a apresentação das narrativas autobiográficas, optamos por identificar as pesquisadas por Gestora 1, 2 e 3.

Cabe destacar que o processo de pesquisa foi realizado de forma virtual em virtude das determinações e recomendações das autoridades governamentais e de Saúde, sobre o isolamento social, devido a situação de pandemia da Covid-19.¹

3 ANÁLISE DE DADOS

Neste tópico, serão apresentadas as análises das narrativas autobiográficas. Primeiramente, lançarei mão da análise individual de cada narrativa, apresentando os motivos de cada escrita e reflexões adolecidas por cada uma das pesquisadas. Num segundo momento, é apresentada a análise contrastiva a partir da semântica, entre as três narrativas evidenciando as questões que permeiam o foco deste estudo.

¹ Covid-19 - A pandemia do novo coronavírus, que já infectou mais de 16 milhões de pessoas em todo o mundo, é facilmente a pior emergência global de saúde já enfrentada pela OMS (Organização Mundial de Saúde). Decreto Estadual RS de suspensão as aulas n. 55.241.

3.1 A paixão de aprender

A Gestora 1, em sua narrativa ela relata a sua convicção em ser professora desde que iniciou a sua adolescência, demonstrando que sempre teve certeza que este era seu sonho, contando com o apoio da família para realizá-lo. Ressalta a importância da educação pelo olhar dos pais e do orgulho deles em ter uma filha professora. A alegria em ser professora é demonstrada a partir do lema expresso em letras garrafais em sua narrativa, “SÓ DESPERTA A PAIXÃO DE APRENDER, QUEM TEM PAIXÃO DE ENSINAR” (GESTORA1, 2020).

Esta gestora traz na sua narrativa um pouco da história da educação desde o tempo em que se entendia que a escola tinha somente a função de “cuidar” das crianças, mencionando que “na época, a creche era vista como um espaço para as crianças dos pais que trabalhavam e no qual eram cuidadas” (GESTORA 1, 2020). Ao apresentar sua trajetória profissional, recorda que fez magistério, seguindo a formação superior em Pedagogia e ainda pós-graduação em psicopedagogia. Deixa claro que ser professora era algo desejado e a busca pela qualificação, transformava e aperfeiçoava sua ação educadora.

Durante sua narrativa, a Gestora 1 mencionou o quanto foi desafiante quando foi convidada a ser gestora assumindo como vice-diretora, uma vez que sua prática até então era em sala de aula. Enquanto gestora, percebeu que a educação é uma corrente, que todos precisam auxiliar para transformar a educação com uma relação de diálogo e clareza quanto aos objetivos de aprendizagem. Também relata que mesmo estando gestora, conciliava a sala de aula por um período significativo. Está presente em sua narrativa a importância que tem a educação dentro do contexto comunitário, onde “não pode faltar diálogo e parceria para o bem comum, a educação” (GESTORA 1, 2020).

Esta gestora traz também um pouco da sua vida pessoal, ao apresentar que sente muito por não ter feito a especialização em gestão escolar devido ter se tornado mãe na época do curso e a falta de tempo para conciliar tudo. Também menciona a intensidade do trabalho burocrático da gestão, quando o/a gestor/a é sozinho/a para gerir a escola na sua totalidade, comprometendo o seu tempo integral, em três turnos de atividades. Essa rotina, muitas vezes, a faz se sentir “culpada por não ter mais tempo com meus filhos, mas converso muito com eles sobre isso” (GESTORA 1, 2020).

No decorrer da história, a mulher vem assumindo cargos que até então não eram concebidos para o sexo feminino e por isso nosso ponto de concordância com D’Alonso

(2008) quando ressalta de que estamos vivendo um novo modelo de sociedade, onde os homens compartilham com as mulheres os afazeres domésticos e o cuidado com os filhos. Essa é a nossa esperança.

A gestora colocou como título em sua narrativa: “Um pouco de mim na educação”, o que reflete a sua trajetória desde o magistério até a especialização, na efetivação deste sonho de menina realizado por ela. Quanto ao tempo para atividades que reflitam na qualidade de vida, esta gestora menciona que falta tempo, pois o/a gestor/a tem tantas demandas que mesmo realizando muitas vezes no turno da manhã, tarde e noite, ainda faltam horas para fazer tudo.

3.2 Gestora escolar: diálogo e parcerias

A narrativa autobiográfica da Gestora 2, apresenta os desafios que a vida nos oferece e que ela acredita que somos capazes de desvendá-los. Também relata da tarefa do/a professor/a que não se resume a atividades de sala de aula no período de 4 ou 8 horas, mas sim de 24 horas e sete dias por semana. Um trabalho que exige dedicação total, deixando muitas vezes a família de lado, mas se reinventando todos os dias e aprendendo.

O que se tem observado em estudos realizados por Dedecca (2004) é que a mulher, com menor tempo econômico pago, possui jornadas mais extensas do que os homens. Para tanto percebemos que a dimensão do uso do tempo é desfavorável para as mulheres.

É possível, nesse caso, levar em consideração o tempo destinado à reprodução social, que não é remunerado mas contribui extensa e intensivamente para a organização social e econômica do capitalismo, o qual tem no trabalho da mulher sua centralidade. (DEDECCA, 2004 p. 33).

Com tantas mudanças no mercado de trabalho, suas transformações e flexibilizações, numa sociedade injusta e capitalista, a mulher ainda não é reconhecida socialmente como membro que contribui e faz parte desse mercado de trabalho e busca ser reconhecida e defensora do seu tempo.

Na narrativa, a referida gestora deixa claro o papel do/a gestor/a participativo/a em conexão com os acontecimentos sociais da comunidade, o que faz parte do processo. Ressalta ainda que ser professor/a não foi uma escolha, mas o que o mercado podia oferecer em suas poucas opções profissionais. Diz ter cursado magistério enquanto trabalhava como auxiliar de contabilidade, mas hoje se sente realizada e muito feliz na profissão docente. Concluiu o curso

de Pedagogia e posteriormente fez pós-graduação em Psicopedagogia e Gestão Educacional. Esta pesquisada está gestora há sete anos e muito além de ter conhecimento, menciona em sua narrativa que “é necessário escutar, praticar, dialogar e motivar os colegas para se sentirem fortalecidos” (GESTORA 2, 2020) bem como dialogar com os pais, para criar vínculos com alunos e famílias, pois muitos vivenciam situações que comprometem a aprendizagem. A gestora deixa claro que ser professor/a é um grande desafio, mas que trabalhar em equipe e estar aberta ao diálogo “faz toda a diferença para haver aprendizagens”.

Também menciona que não existe como desvincular a vida profissional da vida pessoal, quando se assume seu papel na vida profissional, se deixa a desejar na família. O título escolhido por esta gestora, “Ser ou estar gestora”, remete a ação de estar, no momento que assume ser gestora, demonstrando que a compreensão do papel de gestora se relaciona com a compreensão apresentada por Bezerra quando diz que “a gestão escolar revela-se, como área do conhecimento humano, cheia de complexidade e desafios, cada instituição escolar requer a tomada de decisões, a coordenação de muitas atividades (2004, p. 32).”

Quanto ao tempo, menciona que o tempo do calendário não se faz suficiente para atender as demandas que envolve escola, famílias, alunos e a sua própria família. “O gestor precisa estar envolvido 24 horas por dia 7 dias da semana, engana-se quem acha que o professor responde apenas pelas 4 ou oito horas diárias” (GESTORA 2, 2020).

3.3. Os desafios de ser professora

A nossa Gestora 3 relata em sua narrativa que durante muito tempo de sua vida, esteve ligada à educação, mesmo sem ter certeza de que seria essa profissão a seguir. Contou com o estímulo da família para seguir esse caminho. Fez magistério e neste mesmo período realizou concurso público no município que atua até o momento. Enfrentou situações difíceis em sua prática docente e credita isso a sua falta de experiência, o que a fez buscar a graduação em Pedagogia. Ela relatou em sua narrativa autobiográfica que as dificuldades continuavam, tais como “trabalhar o dia todo, pegar ônibus, levar lanche preparado pela mãe para comer no caminho, pois o tempo era muito corrido” (GESTORA 3, 2020).

Esse tempo corrido, comum aos sujeitos do sexo feminino, conforme menciona Dedecca, (2004), este capitalismo que se apropria do trabalho e do seu tempo, mesmo com tantas transformações, não foi capaz de proporcionar um tempo para reprodução social, física e mental para homens e mulheres. (DEDECCA, 2004).

O sentimento de acúmulo do trabalho para as mulheres e as responsabilidades domésticas, abarcam e sobrecarregam o gênero feminino. Mas como afirma Oliveira (2001) “há aqui um problema da sociedade não resolvido, e não um problema das mulheres”. (OLIVEIRA, 2001 p. 27).

Esta gestora relatou que sempre teve objetivo e não mediu esforço para concretizá-lo. Relata que depois de um tempo fez o curso de pós-graduação e que, em 2019, foi convidada a um novo desafio, ser diretora de uma escola do interior do município.

A Gestora 3 trouxe ainda a questão do novo que surgiu com este momento de pandemia, sendo necessário tomar decisões importantes para que a aprendizagem continue acontecendo. Relatou a dificuldade de vincular a vida profissional com a vida pessoal, uma vez que “a escola requer a maior parte do tempo que se tem, nos obrigando a fazer escolhas” (GESTORA 3, 2020). A gestora mencionou não ter filhos ainda e que esta é uma preocupação constante, pois “onde conseguirá encontrar tempo para eles? ” (GESTORA 3, 2020), mencionando os esforços que dispense para atender as demandas da escola, e que muitas vezes o desgaste emocional é tanto que “é necessário buscar exercícios para recarregar as energias deixadas no ambiente escolar” (GESTORA 3, 2020).

Em seu título, “A escola para a vida”, a gestora traz de forma objetiva o que quer dizer ao longo da sua narrativa, ou seja, que a escola é a sua vida, é a partir da educação, do seu trabalho desenvolvido na escola que se fará a vida melhor. No que tange ao tempo, a gestora menciona que a escola consome muito de seu tempo, que hoje “a maior parte do seu tempo, dedica a escola e suas atribuições” (GESTORA 3, 2020), e desabafa ter preocupações quando ter sua família e filhos. “Como terei tempo para eles? ” (GESTORA 3, 2020).

3.4 A gestão do tempo enquanto mulheres gestoras: Análise contrastiva

Indicadores datados de 2019 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) têm demonstrado que o número de residências monoparentais tem aumentado nos últimos anos, e que as mulheres são as que sustentam financeiramente a maioria das residências no Brasil (IBGE, 2019). Outros dados apontam que o número de gestoras escolares é muito maior que o número de gestores, ainda demonstrando esta demanda expressiva de mulheres na gestão de escolas públicas municipais em contraposição ao maior número homens atuando na gestão de escolas estaduais em todo o país.

Estudos apontam um crescente processo de efetivação da mulher na vida profissional, ressaltado pelo IBGE, que aborda esta evolução em temas variados como educação, recursos humanos, gestão, cultura, saúde, assistência social, segurança alimentar, política para mulheres, migração e outros.

Em 70,1% dos municípios brasileiros, a gestão da educação está sob a responsabilidade de uma mulher. Em 59,7%, ela é comandada por uma mulher de cor branca. Por outro lado, em 16 das 27 unidades federativas, a titularidade da secretaria responsável pela educação é exercida por homem. (IBGE, setembro de 2019).

Faz-se necessário compreender o papel dessa mulher gestora no contexto profissional e frente às atividades domésticas do seu dia a dia.

As mulheres são maioria nos cursos profissionais da Educação Básica. Dados do Censo Escolar 2018, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), mostram a predominância de alunas em todas as faixas etárias, com exceção dos alunos com mais de 60 anos. A maior diferença observada entre os sexos está na faixa de 40 a 49 anos, em que 60,7% das matrículas são de mulheres. (INEP, 2019).

É neste cenário que estão imersas as participantes deste estudo. Mulheres, com idades entre 37 e 54 anos que estão na gestão de escolas públicas. Das três gestoras que elaboraram as suas narrativas autobiográficas retomando o seu percurso formativo, duas delas iniciam a sua escrita a partir da sua história de vida, contando com o apoio e o estímulo da família. Ambas relatam em suas narrativas, a influência das famílias na concepção do ideal da profissão de ser educadora. A Gestora 1 menciona sua paixão pela profissão, tomando a escola como sua, o aluno como seu, num vínculo de aprendizagens entre ambos, concordando com a narrativa da Gestora 3, quando além de mencionar a família como seu estímulo e apego a educação, verbaliza através da escrita, além do amor incondicional, a verdadeira profissão do ensinar para a vida. Ambas utilizam nas suas narrativas algumas palavras escritas em letras garrafais que fazem relação com o sentimento de ser professor/a, da sua escola, do/a seu/sua aluno/a, do verdadeiro sentido de ensinar e aprender, de uma educação romantizada. Já a Gestora 2 traz em sua narrativa que não tinha apego ou determinação em ser professora, mas que por falta de opções de trabalho na região, buscou na educação uma profissão, inclusive ressaltando que sua ocupação inicial foi em auxiliar de contabilidade. As três gestoras realizam suas narrativas autobiográficas em textos curtos, mas apresentando suas trajetórias de vida.

Observa-se que as gestoras trazem em suas narrativas a questão da falta de tempo para cumprir todas as obrigações profissionais e ainda as questões familiares. A Gestora 2 enfatiza quando traz “Um trabalho que exige dedicação total, deixando muitas vezes a família de lado, mas se reinventando todos os dias e aprendendo, pois, ela acredita que os professores sirvam de exemplo para os demais” (GESTORA 2, 2020). Esta angústia de “não conseguir dar conta de tudo”, podemos perceber em todas as escritas, demonstrando que além do/a professor/a trabalhar em sala de aula de quatro a oito horas, ele/ela necessita estar disponível 24 horas por dia, durante sete dias na semana.

Outra curiosidade das narrativas, centra-se no fato de que as pesquisadas mencionaram que foram convidadas a serem gestoras, demonstrando que não há eleição para este cargo no município lócus deste estudo. E podem dizer que mesmo com uma carga horária elevada, se sentem felizes em estar gestoras e buscam na educação fazer a diferença social.

Quanto ao tempo, foco deste estudo, as participantes mencionam em suas narrativas o sentimento de culpa em não ter o tempo necessário para as famílias. A Gestora 3 interpela essa fala, uma vez que ainda não é casada e não tem filhos, mas já demonstra em sua narrativa, seu sentimento de dúvida de como vai fazer para ter tempo para a família e filhos. Ou seja, mesmo não estando neste patamar da vida, já demonstra preocupações futuras, devido a correria do dia a dia provocada por este sistema neoliberal que nos coloca sempre em prontidão, assim como menciona o estudo de Dedecca (2004).

O menor tempo livre é observado para as mulheres e, em especial, para aquelas com filhos com até 15 anos. No caso dos homens em tempo econômico pago mais elevado e tempos não pagos e para organização familiar menos intensos. (DEDECCA, 2004, p.46).

Segundo o autor, mais do que revelar um acúmulo de trabalho entre as mulheres, a análise das imbricações entre gênero e tempos de trabalho, alimenta discussões sobre políticas sociais voltadas para a reprodução social. Questão essa ligada as relações sociais de dominação e opressão.

Tanto a Gestora 1 como a Gestora 2 narram suas frustrações vivenciadas, quando no texto ambas mencionam que o/a gestor/a assume na escola o tempo integral, além de estar disponível para pais e alunos/as socialmente, comprometendo seu tempo familiar fora da escola, devido suas escolhas profissionais que refletem em suas vidas. Todas as três gestoras deixam claro nas suas escritas a angústia que permeia suas vidas pela falta de tempo, tanto para desenvolver todo o trabalho profissional como para ter tempo de lazer com suas famílias.

No entanto, tentam através do diálogo, do pouco tempo que tem com esses, fazer o papel de mãe, mulher, esposa e profissional.

Para Scott, “O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, o gênero é o primeiro modo de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1990, p14).

Penso que historicamente, carregamos o peso das desigualdades, impostas por um sistema de poder, manipulando e tornando a mulher responsável pelo trabalho doméstico, pela família, pelo cuidado. Assim como diz Perista (2010), “o tempo é genderizado” (p. 49), no sentido de atuar como uma dimensão-chave nas análises sobre as (des) igualdades de gênero.

A participação da mulher no mercado de trabalho, está diretamente ligada a conciliação entre o trabalho e família, e mesmo assumindo seu papel na vida pública, com empregos formais e com jornadas integrais de trabalho, não deixou de atender seus afazeres domésticos, sua família e filhos, tornando-se sujeito dessa sociedade de afazeres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante muito tempo, as mulheres estiveram à mercê de seus anseios, manipuladas por um sistema político, social e cultural, imposto por teorias e práticas de gênero masculinizado, vivenciando desigualdades que prevalecem na contemporaneidade. Constituindo uma vida de afazeres, obrigações, não tendo tempo para ser mulher, para ter uma vida de lazer e felicidade. A luta das mulheres para fazer parte do mundo do trabalho, trouxe muitas mudanças no modo de ver sua atuação e a importância do seu papel na sociedade, mas ainda precisamos entender qual o papel do homem e mulher neste contexto pós-moderno, dividindo as atividades laborais e valorizando ambos os sexos na vida pública.

Conforme Oliveira (2003):

É fácil devolver à intimidade dos casais os problemas criados pela conquista do direito ao trabalho e cidadania pelas mulheres. Cômico transformar em conflito privado um conflito cuja essência é pública, negando-o enquanto problema de sociedade [...]. Recai sobre as mulheres a acusação de ter mudado as regras do jogo da vida conjugal. (OLIVEIRA, 2003, p. 8).

Neste sentido, as narrativas autobiográficas oportunizaram analisar e compreender o conceito de tempo na perspectiva de mulheres que estão ocupando o cargo de gestora

pedagógica. Gestora esta que planeja, executa as ações dentro do contexto escolar, a pessoa que trabalha para a qualidade de ensino da entidade em que atua.

Dialogar sobre o tempo com mulheres gestoras nos remete a compreender um pouco mais sobre o conceito de tempo e suas concepções nas múltiplas leituras de vivência. Como este tempo interfere na qualidade de vida de uma gestora escolar, bem como esta administra seu tempo em relação a vida profissional e a vida doméstica, aliando trabalho, lazer e qualidade de vida. Como mencionado pelas entrevistas, “falta tempo para fazer tudo”, este tempo cronológico e histórico está, muitas vezes, indisponível para o gênero mulher.

A sociedade está sendo chamada a inventar novos modos de gestão e de organização do trabalho, novas temporalidades da administração pública em sua relação com seus usuários, uma outra leitura das relações vida privada/vida profissional, um inédito relacionamento homem/mulher. (OLIVEIRA, 2003, p.23).

O tempo necessita ser reinventado, para a condição social e psíquica das mulheres, para o equilíbrio das famílias e igualdade de gênero para haver melhor qualidade de vida.

Por fim, o tempo destinado às atividades pedagógicas enquanto gestora, parece ser reduzido a cada minuto. As mulheres gestoras conquistam seus espaços nas escolas, mas se sentem angustiadas quando no seu inconsciente deixam seus filhos e famílias, não mais como o centro de suas atenções. Penso que necessitamos desnaturalizar essa cultura patriarcal que está arraigada em nós. A mulher constituída por uma cultura social, precisa acreditar e continuar a luta por sua profissão, por direitos igualitários de gênero, por equidade. Por uma luta de direitos que promovam a autotransformação enquanto mulher potente e com liberdade de ser feliz.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Maria Betânia. Vida cotidiana e o uso do tempo pelas mulheres. A questão social e o novo milênio. **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais** – CoimbraPortugal, Setembro de 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, p. 229 2011.

BÖTTCHER, Cristiane. **O registro da prática docente do/a professor/a de língua portuguesa como processo formativo**. Feliz, RS, 2019. 51 p. TCC (Graduação em Licenciatura em Letras - Português e Inglês) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Feliz, 2019. Disponível em: <http://pergamum.ifrs.edu.br/pergamumweb_ifrs/vinculos/000074/000074c5.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2020.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira. Disponível

em: <http://portal.inep.gov.br/artigo//asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-saomaioria-na-educacao-profissional-e-nos-cursos-de-graduacao/21206> Acesso em: 28 nov. 2019.

CHAMON, Edna Maria Querido de Oliveira; PALMA, Ana Claudia Galhardo, SÁ, Maria Auxiliadora Ávila dos Santos. Representação Social de liderança: um estudo com gestoras de uma instituição educacional. **Revista Ciências Humanas**, Universidade de Taubaté (unitau) Brasil, vol. 4. N. 1. 2011.

CRESWELL, J. W. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

D'ALONSO, Glaucia de Lima. **Trabalhadoras Brasileiras e a relação com o trabalho: trajetórias e travessias**. 2008. Disponível em: <http://www.psi.org.br/scielo>. > Acesso em 02 set. 2019.

DEDECA, Claudio Salvatori. **Tempo, Trabalho e Gênero**. In: COSTA, Ana Alice; OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de; LIMA, Maria Ednalva de; SOARES, Vera. (Orgs.). Reconfiguração das relações de gênero no trabalho. São Paulo: CUT Brasil, 2004, pp. 21-52.

ELIAS, Norbert. **A teoria Sociológica: Teias de Interdependência**. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/norbert-elias---a-teoria-sociologicateias-de-interdependencia.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em 21 nov. 2019 .

GUEDES, Dyeggo Rocha, SOUZA, Luana Passos de. **A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década**. Vol. 30. n.87 São Paulo. 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

HIRATA, Helena Sumiko. **Dicionário Crítico do Feminismo**. P. 342. 2 ed. São Paulo: Unesp, 2009.

JOSSO, Marie Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Educação, vol. XXX, 2007, pp. 413-438 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

KARNAL, Leandro. **Como usar tempo com sabedoria**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aUYUDEMYYi6Y>. Acesso em 20 nov. 2019.

KELLY, Joan. **A Dupla Visão da Teoria Feminista**. Chicago: University of Chicago Press, 1984, p. 58.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Reengenharia do tempo**, 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco 2003.

PALMA, Ana Claudia Galhardo, SÁ, Maria Auxiliadora Ávila dos Santos. A construção do feminino e as mudanças na sociedade moderna. **Revista Ciências Humanas** – UNITAU. Vol 4 n. 1. 2011.

SCOTT, Joan. **Gênero: Uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade, p. 71-99, julho/dez. 1995.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **Tempo cronológico e tempo histórico;** Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilescola.uol.com.br/historia/o-tempo-cronologico-tempohistorico.htm>>. Acesso em 26 agosto 2019.

THIESEN, Juares da Silva. **Tempos e espaços na organização curricular: uma reflexão sobre a dinâmica dos processos escolares.** 2011. Vol. 27.p 241 – 260.

YIN, R. **Estudo de caso: Planejamento e métodos.** 2a. ed. Porto Alegre: Bookmann; 2001.

ANEXO A

ANEXOS



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisador (es): JOVANDRA LUIZA SOLDI

Especialização lato sensu em Gestão Escolar IFRS/Campus Feliz)

Prof.: Edson Carpes Camargo

Título da pesquisa: As relações de gênero na gestão escolar: trabalho educativo e qualidade de vida.

Gostaríamos de convidá-lo a participar como voluntário da pesquisa intitulada as relações de gênero na gestão escolar: trabalho educativo e qualidade de vida, que se refere a um projeto de pesquisa do curso Especialização lato sensu em Gestão Escolar da aluna Jovandra Luiza Soldi, orientada pela Prof. Edson Carpes Camargo, vinculado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. O objetivo deste estudo é investigar como o tempo despendido no processo de gestão de uma escola interfere na qualidade de vida de uma gestora escolar, bem como esta administra seu tempo em relação a vida profissional e a vida doméstica. Sua forma de participação consiste em realizar uma narrativa autobiográfica. Seu nome não será utilizado em qualquer fase da pesquisa, o que garante seu anonimato. Não será cobrado nada; não haverá gastos nem riscos na sua participação neste estudo; não estão previstos ressarcimentos ou indenizações; não haverá benefícios imediatos na sua participação. Os resultados contribuirão para um melhor entendimento e a reflexão enquanto gestoras do nosso tempo e de nossa vida, para repensarmos uma melhor qualidade de vida. Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que você poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o preferir.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Li e compreendi este termo de consentimento, portanto, concordo em participar como voluntário da pesquisa: () Sim () Não

Data: ____/____/____

Assinatura da entrevistada